

3

O PRESSUPOSTO REFUTADO

Foram realizadas ao todo 10 entrevistas formais e 8 informais, entre setembro de 2012 e fevereiro de 2013. As entrevistas tiveram duração média de aproximadamente 30 minutos, extrapolando, em dois casos, para mais de 1 hora. Todas as entrevistas foram feitas em locais escolhidos pelos próprios informantes, de forma que os mesmos pudessem ficar o mais à vontade possível para responder às perguntas. Entre os lugares, os mais requisitados foram os bares, sendo também realizadas entrevistas em praças e casa de amigos. Como os locais de entrevistas foram os mais diversos, não sei dizer até que ponto as circunstâncias podem ter influenciado nos resultados, sobretudo naqueles contextos que envolviam bebidas alcoólicas e informantes realizando juntos uma mesma entrevista.

A idade dos informantes varia entre 18 e 54, quase todos profissionalizados. Apenas 2 se declararam sem profissão. Estes, na ocasião, tinham 18 anos e haviam acabado de concluir o Ensino Médio. Todos possuem o Ensino Médio completo e são moradores da Zona Norte e Oeste do Rio de Janeiro e baixada fluminense. O único morador da Zona Sul do Rio de Janeiro – Copacabana - também é o único com Pós-graduação em curso.

As profissões são as das mais diversas: estudantes, servidor público, técnico em eletrônica, cozinheiro, militar, motorista, editor de vídeo, estoquista, agente dos correios etc. Entre eles, a maioria é solteiro, mas também há um divorciado e um casado.

A minha primeira entrevista foi feita no dia 26/09/12, em um bar em Jacarepaguá. Na ocasião, entrevistava Ramón³, 33 anos, técnico em eletrônica, morador de Jacarepaguá e divorciado.

³ Conheci Ramón em um bar que freqüentava no bairro de Jacarepaguá. Na ocasião, estava com um grupo de amigos. Após conversarmos sobre diversos assuntos, entre eles o meu tema de pesquisa, trocamos telefone e marcamos um encontro posterior. Este segundo contato se efetivou, por sugestão do informante, no mesmo bar em que havíamos nos conhecido. A entrevista foi acompanhada de bastante barulho, pois era dia de jogo do Flamengo, que enfrentava o rival Atlético mineiro. Ramón, carioca de nascença, aos 18 anos se mudou, por motivos profissionais, para Aracaju. Cidade em que conheceu sua ex-esposa, com quem teve dois filhos. Na época da entrevista, Ramón possuía Ensino Médio completo e trabalhava como técnico de eletrônica no centro da cidade.

Tudo correia muito bem. Iniciamos com uma conversa informal, o que causou uma aproximação e garantiu um clima descontraído, fundamental para o sucesso da pesquisa. Entre uma e outra cerveja e muitas perguntas, eis que, de repente, um dado salta aos olhos, me obrigando a ter que reformular não apenas questões inerentes à pesquisa, mas também ao meu mundo interior e social.

Ao ser arguido por que, quando casado, fazia sexo com prostitutas, Ramón, frequentador assíduo de casas de prostituição desde os 18 anos de idade, para minha surpresa, afirmou que sua mulher se recusava a praticar felação e determinadas posições sexuais.

‘Olha só, tem muita coisa que aparece na mídia, essas coisas que falam, mas você não vê muito no dia-a-dia. Você vê uma evolução da época dos nossos pais pra agora, principalmente por causa da internet, essa liberação toda, mas continua muito reprimido. Eu fui casado dez anos e minha mulher era totalmente “papai e mamãe”, entendeu? Aí, você acabava indo buscar coisa na rua. (...) A mulher não precisa namorar pra transar, ficou mais liberal nessa parte, mas pra mim, particularmente, não ficou nada mais fácil não. Mas da minha adolescência pra cá, eu não vi muita essa liberdade, eu vejo mais lá fora quando você vê matéria de Europa, essas coisas. Ou então quando tem “putaria” aqui em algum lugar, mas não é do nosso dia-a-dia.’

Como se tratou da primeira entrevista, fui a campo com o pressuposto de que havia uma homogênea liberação sexual feminina, pressuposto este que não demorou muito a ser refutado. No caso em questão, o informante buscou os serviços da prostituta pelos limites que sua mulher estabelecia na relação, pelos tabus e interditos postos na atividade sexual.

Não só nesta entrevista, como em outras, nas falas dos homens entrevistados, apareceu, por vezes, explicitamente ou por indícios, que essa liberação sexual não é tão óbvia e que não abrange todos os setores e faixas etárias da sociedade. Ou seja, há uma refração na cidade, em que tradição e modernidade se convergem.

Esse foi um dia determinante para minha pesquisa e para minha vida, posto que me obrigou a não só reformular o pressuposto que, com toda convicção, tinha ido a campo, como também a perceber o quanto estava a projetar parte do meu universo pessoal e social na pesquisa.

Não demorou muito para que meu pressuposto desse mais provas de sua inconsistência. No dia 13 de janeiro de 2013, em entrevista com Leonardo⁴, 19 anos, solteiro, estoquista e morador de Queimados, se evidenciou não apenas os limites que as mulheres colocam ao seu corpo e sexualidade, mas também aqueles impostos pelos seus próprios companheiros. Perguntado se ele acreditava haver coisas que eram feitas com uma prostituta que não com a dita “mulher de casa”, Leo reproduziu as palavras de um conhecido: *“Uma vez, eu ouvi dizer que... um cara disse que a esposa dele beijando o rosto do filho; ele disse: a boca que beija meus filhos, eu não gozo nela, entendeu?”*

Essa frase elucida os limites que os homens colocam à própria liberdade sexual da mulher. Não são apenas elas que se restringem muitas vezes sua sexualidade é cerceada pelo marido. Neste caso, se evidencia uma clara oposição entre os atributos da “mulher de casa” e os atributos da “mulher pública”. O próprio homem nega determinadas performances sexuais à sua mulher, retirando dela e legitimando em outros corpos a possibilidade de determinadas práticas. Dessa forma, a casa ainda se mantém como espaço do previsível e do costumeiro, enquanto a rua se caracteriza pelo variável, pela diferença, pela aventura, pela novidade e pelo imprevisível.

Essa restrição imposta ao corpo da companheira não se dá por acaso, ela, ao contrário, é imbuída de intenções. A respeito disto, Butler (2010, p.167) nos fala que

A performatividade não é, assim, um “ato” singular, pois ela é sempre uma reiteração de uma norma ou conjunto de normas. E na medida em que ela adquire o *status* de ato no presente, ela oculta ou dissimula as convenções das quais ela é uma repetição.

Outras falas continuaram a afirmar a demarcação da sexualidade masculina:

Entrevistadora: Tem alguma diferença no relacionamento sexual com a prostituta e outras mulheres?

⁴ Leonardo, entre os formalmente entrevistados, é o mais destituído em termos econômicos. Ele mora com a família em Queimados, município localizado na Baixada Fluminense. A entrevista teve dois momentos. No primeiro encontro que travamos, Leonardo, que havia acabado de concluir o Ensino Médio, se encontrava desempregado. Dessa forma, eu não só me desloquei para Nova Iguaçu, município vizinho a Queimados, como também arqueei integralmente com as despesas do que consumimos no bar em que foi feita a entrevista. Já no segundo encontro, e acredito que com a intenção de retribuir, Leonardo, agora auxiliar de estoque de uma famosa loja também localizada na Baixada Fluminense, fez questão de ir até meu bairro de residência, Realengo, e dividir a conta do que consumimos no restaurante. Em ambos os encontros, o informante tentou uma aproximação sexual e afetiva. Eventualmente, ainda me deparou com suas ligações e tentativas de encontros. Leonardo teve sua primeira experiência sexual aos 14 anos, com uma amiga de sua irmã que, na época, tinha 40 anos. Também aos 14 anos, Leonardo foi levado pelo tio a uma casa de prostituição. No entanto, não teve nenhum contato sexual com prostitutas, o que só foi se efetuar aos 17 anos de idade.

Gustavo⁵: Tem. As prostitutas são bem mais mente aberta do que as mulheres. Elas são mais liberais, ao contrário das mulheres convencionais.

Entrevistadora: Você acha que existe uma maior liberação sexual das mulheres?

Matheus⁶: Existe uma evolução sim. Agora, 100%, bonito e como diria o feminismo, não. Existe muito tabu ainda, muito preconceito até mesmo por parte das mulheres, mas não é como em 1950. Hoje uma mulher pode chegar, ficar com uma pessoa e transar e depois transar com o amigo no dia seguinte sem ser mal vista.

Entrevistadora: Você acha que há alguma mudança no comportamento sexual feminino?

Márcio⁷: Eu acho na verdade que não. Acho que não. Acho que é mais ou menos a mesma coisa assim. Eu não vejo tanto essa liberação. Não consigo ver tanto. Daí você optar de vez em quando por prostituta. Eu acho que muitas mulheres não tratam com a naturalidade que a gente pretendia ou imagina com toda essa liberação. Eu acho que é muito mais no discurso, na prática eu não vejo tanto assim.

No entanto, alguns homens, a partir de experiências sexuais diferentes, atestaram uma mudança no comportamento sexual das mulheres. Quando perguntado, em uma festa dos Correios, se achava haver coisas que uma prostituta faz que a companheira não, Pedro⁸, 52 anos, nortista, residente em Bangu e motorista dos Correios, responde:

⁵Gustavo tem 24 anos, é morador de São Cristóvão, cursou o Ensino Médio, é militar e diz ser “enrolado”, referindo-se a sua companheira como “senhora”. Como mencionado, o contato com Gustavo foi possível graças à generosidade de Tadeu que, gentilmente, se prontificou em estabelecer a ligação. Muito tímido e se restringindo a responder apenas o que era perguntado, o informante solicitou que a entrevista fosse feita em companhia de Tadeu, o que, certamente, influenciou o rumo da entrevista. Também não é possível dizer até que ponto Gustavo já tinha ciência das perguntas que seriam feitas e, portanto, das respostas que daria. A entrevista foi realizada na Choperia Cinelândia, no centro do Rio, lugar que escolhemos aleatoriamente após o encontro. Gustavo teve sua iniciação sexual aos 15 anos com uma amiga de sua irmã. Passou a se relacionar com prostitutas aos 19 anos, após ingressar no militarismo. Apesar de afirmar ter uma “excelente” relação com as mulheres, Gustavo diz ser “viciado” no sexo com prostitutas.

⁶Matheus, 28 anos, é solteiro, editor de vídeo e morador de Copacabana. Formado em Cinema e fazendo Mestrado, Matheus é o mais escolarizado dos informantes. Conheci Matheus por indicação de Ramón que, gentilmente, ofereceu sua casa para a realização da entrevista. O informante trabalha de forma autônoma, assim, a sua residência coincide com o seu local de trabalho. Falante e sabendo se expressar com clareza, Matheus teve a sua primeira experiência sexual aos 13 anos, com sua namorada na época. No ano seguinte, aos 14 anos, teve o primeiro contato com prostitutas.

⁷Márcio tem 32 anos, é solteiro, servidor público, mora em São Cristóvão e trabalha na Praia Vermelha, Zona Sul do Rio de Janeiro. Tive contato com Márcio no mesmo dia em que conheci Matheus. Ambos são amigos entre si e amigos de Ramón, que não só estabeleceu a minha ligação com os informantes, como também cedeu a sua casa para a realização das entrevistas. As entrevistas de Márcio e Matheus, embora realizadas no mesmo dia, foram feitas separadamente. Márcio se mostrou bastante tímido e nem mesmo as cervejas que tomou serviram para deixá-lo, aparentemente, mais à vontade. A primeira vez que Márcio se relacionou sexualmente foi aos 16 anos, mesma idade em que teve o primeiro contato sexual com prostitutas. Nesta ocasião, foi acompanhado pelos amigos.

⁸Pedro é motorista dos Correios há mais de 20 anos e na Zona Sul do Rio de Janeiro. Ele tem 52 anos e diz ser pai solteiro. Tem 2 filhos: uma menina de 13 anos e um menino de 11 anos. Pedro foi a primeira

‘Hoje mais não. Nem aquela que se diz a evangélica, na cama, não faz diferença da puta lá da zona, propriamente dito, daquela mulher que se veste feito uma “lady” e vai na igreja evangélica, na igreja católica. Não tem mais essa diferença mais não. Nem em sonho você vai imaginar isso. Nem aquela de fazer o “papai e mamãe” e a “rosquinha” normal, mesmo jeito. No princípio ela vai até retrucar, mas o desejo dela é aquele. E quando faz a primeira vez, na cama, é puta tanto quanto a puta profissional’

Resposta similar apresenta Tadeu⁹, solteiro, 24 anos, Agente dos Correios e morador da Penha, em entrevista realizada na Lagoa Rodrigo de Freitas. Ao ser inquirido sobre suas fantasias sexuais, ele responde:

Tadeu: Eu sempre tenho. Você sempre quer pegar três mulheres na cama te beijando todo. Acho que todo homem ou toda mulher sinta esse pensamento. O lance de você fazer sexo com outra pessoa e mais uma ou a namorada e mais uma amiga, talvez essa seja uma fantasia que eu já tive e, sei lá, continuo tendo. É tipo um fetiche

Entrevistadora: E como você resolve essas fantasias que você tem?

Tadeu: Essa por enquanto tá só na fantasia (risos), o lance de ter três mulheres, duas na mesma cama. Mas eu já participei de uma vez que eu fiquei com uma menina e era eu e um amigo. Já aconteceu essa situação. Mas essa fantasia de ter três mulheres no mesmo sexo seria muito interessante. É uma fantasia mesmo.

pessoa dos Correios a que tive acesso. Acompanhada do amigo que iniciou a rede e o contato com os informantes, fui à festa de fim de ano dos Correios, na tentativa de conhecer o local e estabelecer primeiro contato com os informantes. Sem dúvida a visita guiada por esse amigo, também funcionário dos Correios, foi imprescindível para iniciar a pesquisa, uma vez que lá pude conversar brevemente com alguns homens na promessa de contatá-los posteriormente. Não tinha a intenção, no momento em questão, de realizar nenhuma entrevista. No entanto, Pedro, sem dúvida no auge da excitação causada por umas e outras cervejas, fez questão de conversar comigo e eu, obviamente, não pude desperdiçar a oportunidade. Ótima escolha, pois não consegui mais encontrar Pedro. Esse contato breve, turbulento e agitado, posto que realizado no meio da festa, somado à inexperiência e falta de tato das primeiras entrevistas, não me possibilitou o desenvolvimento de perguntas tão bem dirigidas ou conclusivas, ao contrário, falhas e lacunas se tornam evidentes. No entanto, é possível fazer algumas deduções. Além do trabalho nos Correios, Pedro trabalha em uma pizzaria. O emprego em lanchonetes, bares e pizzarias costuma absorver grande contingente de mão-de-obra imigrante oriunda das regiões norte e nordeste. Esse deslocamento visa, sobretudo, a conquista de melhores condições de vida e trabalho no sudeste. Este fato, somada à dificuldade de pronunciar “corretamente” as palavras e aplicar a devida concordância verbal, se apresenta como um indicativo da origem humilde de Pedro.

⁹ Tadeu, nascido na Bahia, trabalha na mesma sede dos Correios que Pedro. Tadeu, além de trabalhar, está cursando a Universidade e mora na Penha, bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro. Embora tenha nascido em um ambiente familiar evangélico, Tadeu afirma que sempre teve bastante liberdade entre seus familiares em questões relacionadas à sexualidade. Sua primeira experiência sexual foi aos 18 anos com uma namorada, que na época tinha 16 anos. Logo no ano seguinte à iniciação sexual, Tadeu começou a se relacionar com prostitutas. Nestes primeiros contatos com prostitutas, Tadeu foi incitado e acompanhado pelos seus amigos do quartel. O informante afirma que até os seus 20 anos não admitia, influenciado pela sua criação evangélica, que as mulheres tivessem vários parceiros. No entanto, ao se mudar para o Rio de Janeiro e se instalar em Copacabana, onde teve contato com o bairro e suas manifestações culturais, como a parada gay, diz ter se libertado de alguns “conceitos e paradigmas do passado”.

Entrevistadora: Esse tipo de fantasia você acha que dá pra resolver com uma mulher que não seja profissional do sexo?

Tadeu: Eu acho que dá sim. Hoje em dia a galera tá muito aberta ao sexo.

Bastante emblemática e reveladora, neste contexto, foi a continuação da fala de Ramón, ao discorrer a respeito dos lugares em que é possível se ver alguma liberação sexual feminina:

‘Na noite, eu não sou um cara muito de noite, não vejo também não. Vejo quando você desce o nível, desculpe o termo. Às vezes que eu fui no Castelo das Pedras¹⁰, você vê a mulher rebolando, botando a bunda lá em cima. (...). Você vai num baile funk, você vai ver pra caramba. Um show de pagode, de axé, que neguinho desce até embaixo. Tinha aquelas porra de... qual o nome daquela merda daquela banda? “É o tchan”, “desce na boquinha da garrafa”. Aquilo é um abuso, né? Digo que é um abuso, meu filho vê aquilo, como é? Educação da bunda. Tudo tem a porra da bunda. Isso eu acho totalmente errado.’

O trecho elucidada como a manifestação da sexualidade feminina e os usos do corpo se diferem ao se percorrer os diversos pontos da cidade. É bem provável que nas áreas mais subalternas, devido a não total introjeção ou à resignificação da normatividade e disciplina sexual burguesa, as mulheres tenham maior liberdade para se expressarem sexualmente. No entanto, em muitas falas e casos, essa manifestação não é positivada. Ao contrário, ela é estigmatizada, sendo categorizada como “baixo nível”. Ou seja, os atributos e juízos de valor que acompanham a definição de tal performance tendem a desqualificá-la, fazendo com que essa forma de manifestação sexual não seja vista em sua totalidade e significado, ao contrário, é reduzida à algo inferior e desqualificado.

A passagem suscita mais questões. Cabe, a partir dela, a apropriação do conceito de “região moral” desenvolvido por Park (1979) que serve para tratar de áreas em que se convergem gostos, interesses e comportamentos associados à boemia, à comportamentos desviantes e à sexualidades reprimidas e disciplinadas, que encontrariam, então, vazão para se manifestarem nestes lugares.

Por fim, pode-se observar como a contemporaneidade contempla a possibilidade de junção de modelos diferentes, por vezes antagônicos. Embora Ramón trabalhe em

¹⁰ Castelo das Pedras é uma casa de Show localizada no bairro de Jacarepaguá. Frequentada, geralmente, por classes populares é conhecida pelos bailes funks que agitam e dão tom e cor ao local.

um setor basicamente hodierno e que exige o manejo de ferramentas modernas, ele exhibe um pensamento e comportamento extremamente tradicionais.

A devida atenção ao trecho mencionado pode indicar pistas para a compreensão da fala e comportamento de Ramón. Para o informante, a liberdade sexual feminina está associada à condição de classe. Ou seja, em mulheres de seu grupo social, a manifestação da sexualidade feminina não é imponente. Ao contrário, ela se observa nos segmentos populares, em que “se desce o nível”. É neste sentido que Ramón prefere pagar pelo serviço sexual de uma prostituta a ter que frequentar determinados lugares que, embora afirme haver um clima mais propício ao contato sexual, entende como “errado”. Para procurar locais de maior liberdade sexual, Ramón teria, portanto, que fugir à sua condição de classe.

Após o exame de algumas falas, passei a questionar a ideia que carregava de que o Rio de Janeiro vivenciava um hegemônico clima de liberdade sexual feminina. Ao contrário, se tornou claro que a cidade não é homogênea, a cidade é costurada por fios de tradição e modernidade.

Assim, essa liberação sexual da mulher de que tanto se fala existir no Rio de Janeiro não é tão evidente. Existem valores tradicionais muito fortes, sobretudo em pontos da cidade mais pobres e menos favorecidos simbolicamente. Muitos entrevistados buscam os serviços especializados das prostitutas devido a limites à atuação sexual no corpo de suas parceiras, sejam estes impostos por elas ou por eles mesmos. Isto evidencia não só que o corpo da prostituta e da companheira é concebido de forma distinta, como também que permanece na mentalidade carioca, ou em parte dela, uma separação entre a casa, como o espaço do previsível e da segurança, e a rua, o espaço da aventura e da experimentação. Este dado, ainda, ratifica o corpo da prostituta como o tradicional espaço para a experimentação sexual.

A partir de novos dados, se fez necessário, então, reformular a problemática inicial e algumas questões até alcançar as que norteiam este trabalho: Por que, em uma metrópole como o Rio de Janeiro contemporâneo, os homens buscam o serviço das prostitutas? Que padrão de masculinidade pode-se extrair dessa relação? Não sendo essa liberação feminina tão evidente, a função da prostituta permanece a mesma que a do século passado? Sua funcionalidade está em garantir a honra das esposas?

Para pensar a relação cliente-prostituta, a motivação masculina na procura pelo sexo pago, como funcionam as relações humanas na contemporaneidade, sejam elas com prostitutas ou não, utilizo como embasamento teórico conceitos como relacionamento puro, amor líquido e amor romântico.

O relacionamento puro, do qual Giddens (1993) fala, é a antítese do amor romântico, que permeou e se afirmou historicamente no imaginário feminino. O relacionamento puro se pauta na relação pela relação e está constantemente aberto a ajustes e rearranjos. Ele só é válido quando os dois elementos da relação usufruem dela. Satisfação, então, se torna condição indispensável para a manutenção do relacionamento. Nas palavras de Giddens (p.74)

O que mantém o relacionamento puro é a aceitação, por parte de cada um dos parceiros, “até segunda ordem”, de que cada um obtenha da relação benefício suficiente que justifique a continuidade.

Ao contrário do relacionamento puro, em que há claramente um empenho para se ajustar e manter a relação, o amor líquido é despreendido de qualquer engajamento e compromisso das partes. Ao contrário, pode conectar-se e desconectar-se a qualquer momento. Utilizando a metáfora das redes para tratar as relações no contemporâneo, Bauman (2004, p.12) afirma que

A palavra “rede” sugere momentos nos quais “se está em contato” intercalados por períodos de movimentação a esmo. Nela as conexões são estabelecidas e cortadas por escolhas [...]. As conexões podem ser rompidas, e o são, muito antes que se comece a detestá-las.